



Apontamentos para os nossos dias...



Lá se vão uns três meses que, junto a tantos a meu lado, mudei de vida:... fechei a porta da minha casa, só abrindo para o essencial, tanto para entrar quanto para sair, passei a exercer meu delicado ofício compartilhando experiências emocionais através de um consultório virtual, um software, uma tela, um novo setting e, também, uma nova moldura para o acontecer analítico e... confesso certa surpresa, quando vejo que funciona, com um esforço redobrado, pois não estarmos presentes, um junto ao outro, faz com que façamos um esforço bem maior, para sustentar o contato e a sintonia, mas temos, a dupla analítica, conseguido pôr o processo em marcha.

Olho para o lado e vejo que o impulso para saber mais e ganhar mais ferramentas, para lidar com o vírus, não cresce só em mim. O time da filosofia publicou, com uma ousadia ímpar, em março, um livro: “A Sopa de Wuhan”, reunindo contribuições de quinze pensadores, com direito a artigos que já dialogam com os primeiros a circular. Destaco, por terem merecido uma leitura inicial, minha, Agamben, Zizek, Badiou e Paul Preciado, que nos trouxe Michel Foucault, por acaso o primeiro filósofo a morrer de uma virose, a Aids, com suas ideias sobre os arranjos das “comunidades” para construir sua soberania política e as consequentes formas que tomam as epidemias e como são enfrentadas.

O livro, disponibilizado na rede, é importante leitura nesses dias. O vértice privilegiado é o do controle e da limitação política de participação, em função do isolamento, imperativo dos dias de hoje, mas que, ao ser percebido, não impediu as manifestações de massa pela morte de George Floyd, durante uma abordagem policial em 25 de maio, em Minneapolis.

E então, já deslizamos para as ressonâncias no processo civilizatório.

A pergunta que se impõe, por estar em todas as vozes, é: “como será o amanhã? ” Quais as mudanças que a nossa maneira de viver a vida sofrerá.

Uns, esperançosos, veem sinais de retomada da visão na qual a humanidade é um todo, tudo que afeta um atinge a totalidade dos humanos, e que esta consciência propiciará novas formas de lidar com os anseios, necessidades e busca de realização dos embarcados nesta nau que, nos últimos tempos, tem sido governada pelos insensatos. Outros, talvez pessimistas, ou, vá lá, realistas, veem mudanças, mas dentro do modelo de Tancredi, o sobrinho do Príncipe do “Leopardo”, de Lampedusa, e que tinha como consigna nos seus alinhamentos políticos: “se quisermos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude”, ou seja, que algumas coisas mudem, para que tudo continue como está.

Temos, os psicanalistas, uma longa tradição de pensarmos questões como estas e, compartilhando vida, favorecermos que ideias evoluam e criem novas narrativas, com o poder de transformar o mundo das relações.

Há noventa anos, Freud, voltou seus olhos para este processo, em curso, e publicou “O mal-estar da civilização”, no qual frisava o antagonismo inconciliável entre as demandas pulsionais e os obstáculos colocados pela civilização para sua satisfação. Há cerca de vinte e cinco anos, Bauman postula que não são mais as restrições da civilização à sexualidade o que nos frustra, mas sim o consumo, ou melhor, a segregação numa espécie de categoria de párias, fora das correntes de consumo, enfim – fora da “existência”.

E, mesmo entre os incluídos, observamos que muitos apresentam um simulacro do estabelecimento de bons desempenhos profissionais, de casamentos, de relações de amizade, de cuidados e atenção aos filhos e ao outro. Como simulacros não resistem à prova da auto indagação que aponta, sempre, para um sentimento de vazio, falsidade, superficialidade e insatisfação crônicas.

Tornam-se ávidos e insaciáveis consumidores de confortos materiais e virtuais, com reduzidas possibilidades de satisfação mais genuína, sem que consigam o conforto emocional e afetivo que tanto anseiam e tanto buscam.

E mesmo a satisfação vicariante é precária, pois estamos falando de um processo de aglomeração, no qual não há o que poderíamos chamar assimilação e desfrute do que se obtém, restando a vivência de estar “ilhado” por objetos estranhos e insatisfatórios. Como ter empatia com um patrimônio tão danificado?

O sentimento de solidão impera, majestoso, e possivelmente está presente na criação e na expansão das redes sociais, que nos aproximam e expandem nosso mundo, mas que, nessa tentativa de vence-la, a solidão, o faz sem o gravame do contato físico, quando o sensório e a percepção poderiam funcionar em sua plenitude e afetos poderiam transitar impactando a qualidade e a intensidade do estar juntos.

“O desenvolvimento do homem requer paciência, para suportar os constantes momentos de dispersão e falta de sentido, e ser capaz de sustentar sua mente em incertezas, mistérios e dúvidas, sem qualquer esforço que vise obter fato e razão”. (Keats).

Vamos tateando, tentando, pacientemente, buscando não nos afogarmos na quantidade dos dados que rompem, a todo momento, nossa membrana seletora, nossa barreira de contato.

Contamos com os sonhos, com a cultura, para lidar com esses excessos de demanda, para construir mapas que nos apoiem nessa travessia.

Sigamos!

Wilson Amendoeira, psicanalista SBPRJ.

22/06/2020.